

Cultura, trabalho e educação: Formação de professores, paradigmas e mudanças.

Clarice Paulina de Souza¹, Ronilson de Souza Luiz²

RESUMO

O presente estudo é apenas um recorte que pretende contribuir com reflexões sobre a formação de professores para século XXI e tem como objetivo apresentar as relações entre a cultura, o trabalho e educação no processo de formação de professores e os impactos para educação do século XXI. Por meio de pesquisa bibliográfica apresenta-se os conceitos de Cultura, trabalho e educação e a Formação de professores, paradigmas e mudanças.

Palavras chave: Cultura; Trabalho; Educacao; Formação; Professores.

RESUMEN

El presente estudio es solo un extracto que contribuir con reflexiones sobre la formación de docentes para el siglo XXI y tiene como objetivo presentar las relaciones entre cultura, trabajo y educación en el proceso de formación docente y los impactos en la educación en el siglo XXI. A través de la investigación bibliográfica, los conceptos de Cultura, trabajo y educación se presentan e Formación del profesorado, paradigmas y câmbios.

Palabras clave: Cultura; Trabajo; Educación; Formación; Profesores.

¹ Mestranda em Educação na Universidad de la Empresa – Uruguai. E-mail: claricepaulina@hotmail.com

² Pós-doutor em Educação pela PUC-SP. E-mail: profronilson@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A humanidade vive, nesta segunda década do século XXI, um momento histórico de transformações em função dos avanços tecnológicos, no modo de viver em sociedade, na cultura, na política e conseqüentemente com as descobertas das ciências, o homem atinge uma maior expectativa de vida. Este novo mundo em que as informações são rapidamente disseminadas por um sistema globalizado de canais de telecomunicação e de redes sociais e que exigem mudanças no comportamento humano. Para acompanhar tais mudanças é preciso quebrar paradigmas e refletir sobre novos conhecimentos e com isso transformar sua realidade.

Nas palavras de Chizzotti; Almeida (2022, p.1)

A revolução digital transformou profundamente o conhecimento, a cultura, o modo de vida e o contexto social. Confrontados com uma massa de informações disponíveis e uma concorrência generalizada de ideias e concepções, circulando sem um filtro epistemológico e sem uma exigência lógica dos usuários, sejam autores ou leitores, eles enfrentam uma saturação do mercado de informações, tornando-os aptos para elevar o próprio conhecimento, mas também deixando-os expostos às falsas informações.

Nesta perspectiva a escola e a educação tem um papel fundamental no processo transformador. Para compreendermos o novo contexto global, cultural e social precisamos resgatar alguns conceitos para uma análise contextual que promova a compreensão em relação aos impactos da modernização e não somente viver no saudosismo de contextos passados.

Severino (2000, p.70) destaca que é possível observar o processo de desenvolvimento da humanidade e que a mesma é mediada pelo trabalho, cultura e convivência social os quais se complementam e se relacionam mutuamente.

1. CULTURA, TRABALHO E EDUCAÇÃO

1.1 Cultura

A cultura é vista por diferentes autores como uma ação humana, um processo de humanização do homem em uma relação ao outro e consigo mesmo. É nessa relação entre os homens, que surgem as diferentes concepções ressaltadas pelo senso comum. A cultura nessa perspectiva é compreendida em diferentes linhas de pensamento, podendo caracterizar-se com o conhecimento erudito; como trabalho de criação ligada às artes; e

significa, também, possuir alguns conhecimentos e informações compreendidas no cotidiano e nos processos de socialização (CORTELLA, p. 41- 42, 1997).

Vinda do verbo latino colere,³na origem cultura significa o cultivo, o cuidado. Inicialmente, era o cultivo e o cuidado com a terra - agricultura, com as crianças - puericultura, e com o sagrado - culto. Como cultivo, a cultura era concebida como uma ação de fazer brotar, frutificar, florescer e cobrir de benefícios.

No correr da história do ocidente, esse sentido foi-se perdendo até que, no século XVIII, com a Filosofia da Ilustração, a palavra cultura ressurgiu, mas como sinônimo de um outro conceito, torna-se sinônimo de civilização. Sabemos que civilização deriva-se de ideia de vida civil, portanto, de vida política e de regime político.

Com o advento do Iluminismo, a cultura passou a ser um padrão ou o critério que mede o grau de civilização de uma determinada sociedade. Assim, a cultura passa a ser reconhecida como práticas realizadas nas (artes, ciências, técnicas, filosofia, os ofícios) que permite avaliar e hierarquizar o valor dos regimes políticos, segundo um critério de evolução.

No século XIX surge o conceito iluminista de cultura, profundamente político e ideológico e se constitui um ramo das ciências humanas, a antropologia. No início da constituição da antropologia, os antropólogos guardaram o conceito iluminista de evolução ou progresso. Por tomarem a noção de progresso como medida de cultura, os antropólogos estabeleceram um padrão para medir a evolução ou o grau de progresso de uma cultura e esse padrão foi, evidentemente, o da Europa capitalista. As sociedades passaram a ser avaliadas segundo a presença ou a ausência de alguns elementos que são próprios do ocidente capitalista e a ausência desses elementos foi considerada sinal de falta de cultura ou de uma cultura pouco evoluída.

É essa concepção ampliada da cultura que, finalmente, será incorporada a partir da segunda metade do século XX, pelos antropólogos europeus, os quais buscaram desfazer a ideologia etnocêntrica e imperialista da cultura, inaugurando a antropologia social e a antropologia política, nas quais cada cultura exprime, de maneira historicamente determinada e materialmente determinada, a ordem humana simbólica com uma estrutura e individualidade própria.

³ <https://www.dicionarioetimologico.com.br/cultura/>

A partir deste contexto, o termo cultura passa a ter uma abrangência que não possuía, sendo agora entendida como produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, de guerra e de paz, da noção de vida e morte e das relações entre o sagrado e o profano.

1.2 Cultura e Trabalho

Cortella (1997, p. 41-42) esclarece, que a denominação de cultura é um conjunto dos resultados da ação humana sobre o mundo por intermédio do trabalho, sendo a cultura um produto derivado de uma capacidade humana. O autor corrobora que não há o humano fora da cultura, pois a mesma faz parte do nosso ambiente o qual somos socialmente formados com valores, crenças, regras e conhecimentos. Prossegue o autor afirmando que é por meio do conteúdo da cultura que se estabelecem relações entre o humano e o mundo e por meio do trabalho resultam os produtos culturais, esses produtos, criados por todos a partir de nossa intervenção na realidade.

Para Chauí (1982), o conceito de cultura se delineia em três campos: o primeiro, em uma perspectiva do senso comum, apresenta quais são os erros e ou acertos mais comumente utilizados pelas pessoas no cotidiano; o segundo, em uma perspectiva histórica, é a relação dos homens no tempo e com o tempo, podendo ser analisado em Hegel (2007) como movimento do espírito e em Marx (2004), como produção e reprodução das relações humanas no trabalho; e por último, cultura como um conceito antropológico, analisada por uma perspectiva simbólica. Aqui a natureza humana seria representada pelo homem no desenvolvimento de suas relações no seio das diferentes sociedades, principalmente, nas relações organizadas com normas, regras, e que formam um conjunto denominado pela antropologia como cultura.

Para Marx (2004), o homem e o trabalho têm uma relação histórica e representa todo o movimento de produção. Marx considera que toda atividade social do homem, comunitária ou individual, representa a expressão humana. É essa produção humana que irá gerar diferentes formas culturais de ser e viver, ocasionando transformações no campo cultural.

As transformações ocorridas no campo da cultura, na sociedade capitalista, são sempre constantes, causadas principalmente, por lutas de interesses e divisões internas. Tanto o caráter ideológico, quanto a falta de conhecimento interferem no desenvolvimento dos processos culturais do indivíduo e estão presentes no contexto desta sociedade. A abordagem da cultura, na perspectiva histórica, irá refletir essa relação do homem com a natureza na sua produção material, a qual adquire sentido como natureza humana.

Assim, para Chauí (1982), a cultura, pode ser compreendida na relação entre os homens e, desta relação, surgem diferentes caracterizações para o conceito de cultura, a saber, cultura de elite, cultura popular, cultura erudita, cultura de massa. É na organização destes diferentes conceitos que a cultura passa a ser utilizada como instrumento de discriminação social, econômica e política.

Enquanto que para Marx, é prioritária essa ação consciente dos homens sobre a natureza, transformando-a em função de suas necessidades, chamada de trabalho. Marx e Engels (2007, p.87), afirmam que se pode diferenciar o ser humano dos animais por vários fatores como a “consciência ou religião”, mas o ser humano efetivamente começa a se diferenciar dos outros animais, no momento em que inicia a produção de seus meios de vida, ato que se encontra dependente da sua “organização corporal.” Desse modo, quando produz seus meios de vida, o ser humano está produzindo “indiretamente sua própria vida material”.

Na teoria marxista, a formação do homem, enquanto um ser social traz como princípio elementar a necessidade de estar em condição de poder viver e sobreviver e, assim, fazer história.

Compreende-se, portanto, que o “trabalho” compõe a formação do ser social numa perspectiva histórica, pois a maneira pela qual o ser humano produz a sua existência, num certo período, condiciona as suas consecutivas alterações de ordem fisiológica e social, confirmando a prioridade da atividade vital do trabalho no processo de humanização.

No final do século XIX e início do século XX a revolução industrial estava em ascensão, no entanto, os proprietários dessas indústrias precisavam aperfeiçoar a linha de produção. Para tanto, deveriam controlar o tempo de trabalho dos operários e produzir mais produtos, bem como a redução de custos da produção, no intuito de aumentar o lucro.

Ainda no século XIX, o engenheiro-norte-americano Frederick Taylor, estudou de forma minuciosa os serviços desenvolvidos pelos trabalhadores, nas fábricas. A partir desse estudo, ele propôs um novo método para linha de montagem e implantou a divisão do trabalho, em que cada operário passou a desempenhar uma única e repetitiva tarefa. Essas linhas de montagem ficaram conhecidas como produção fordista, que permaneceu até a década de 1970, aumentando a produção com a mesma carga horária de trabalho dos operários.

De acordo com Henry Ford, as indústrias economizariam no processo de montagem de suas mercadorias, para conseguir vendê-los a preços menores. Os operários, dentro da lógica de montagem fordista, exerceriam trabalhos cada vez mais mecanizados, não necessitariam de tanta qualificação para desempenhar os serviços nas fábricas, e, conseqüentemente, teriam seus salários reduzidos em relação a sua menor qualificação.

É importante destacar, que nesse período a tendência pedagógica que predominava nas escolas era Liberal Tradicional Tecnicista, que tinha como objetivo atender aos ideais sociais e econômicos desse período.

Séculos XVIII e XIX ocorreram muitas transformações sociais, a revolução industrial, a tecnologia, as ciências, ou seja, a modernidade clamava por mudanças políticas, sociais e econômicas. O racionalismo começou a ganhar força, uma distinção entre fé e a razão. Iniciando assim um novo modelo de ensino e de método científico, que perduram até os dias de hoje.

Observa-se na trajetória histórica, que em toda transformação social, os ideais de educação também se transformam e surgem movimentos que defendem uma tendência mais liberal progressista de ensino em que deve ser respeitado o desenvolvimento humano em suas características: biológica, psíquica, linguística e afetiva e não somente preparar para o mundo do trabalho.

As tendências pedagógicas surgiram dos movimentos sociais em tempos e contextos históricos diferentes, porém sempre visava atender as expectativas da sociedade tanto da elite como da classe trabalhadora.

As tendências pedagógicas apresentam as concepções de homem e sociedade e identifica o papel da escola de acordo com esta ideologia. As tendências pedagógicas também expressam uma concepção de mundo de acordo com o contexto histórico em que ela foi pensada, tendo como principal objetivo nortear o trabalho docente, modelando-o a partir das necessidades de ensino observadas no âmbito social em que viviam.

De acordo com Luchesi, a pedagogia liberal surgiu no séc. XIX e defendia como pressuposto que a escola tem por dever preparar os indivíduos para os papéis sociais, de acordo com as habilidades de cada pessoa, sem levar em conta as condições sociais, e defende que o conteúdo é o mais importante, deixando de lado as experiências vividas pelos indivíduos, devido a isso o saber acaba por virar instrumento de poder dando origem ao o dominador e o dominado.

Desde a segunda metade do século XX até os dias atuais, testemunhamos a revolução tecnológica empreendida pela produção e o fácil acesso às mais desenvolvidas tecnologias. Com um clique instantâneo, os indivíduos se comunicam a milhares de quilômetros de distância. Exemplos dessas tecnologias são os computadores e suas ferramentas (e-mail, bate-papo, chats, páginas de relacionamentos pessoais, dentre outros).

Atualmente, com o estágio da industrialização e com o desenvolvimento das automações (softwares, computadores que controlam as linhas de produção das indústrias) e da mecatrônica (que produz as automações), a situação da classe trabalhadora se encontra cada vez mais em risco, necessitando de formação e conhecimento para atuar nesse novo contexto social e conseqüentemente do mundo do trabalho.

O século XXI inicia-se com novas perspectivas e com grandes mudanças sociais, culturais e econômicas. O mundo interage em tempo real e global. Estamos diante de uma sociedade conhecida como sociedade do conhecimento. Uma nova sociedade organizada com mediação da tecnologia e inteligência artificial, uma indústria 4.0, caminhando para 5.0.

De acordo com Silveira (2019), a indústria 4.0 é um conceito de indústria proposto recentemente e que engloba as principais inovações tecnológicas dos campos de automação, controle e tecnologia da informação, aplicadas aos processos de manufatura. A partir de Sistemas *Cyber-Físicos*, *Internet das Coisas* e *Internet dos Serviços*, os processos de produção tendem a se tornar cada vez mais eficientes, autônomos e customizáveis.

Esse novo cenário tecnológico irá transformar todas as organizações e setores sociais e conseqüentemente, a cultura a educação e a vida humana. A tecnologia contribui facilitando o processo de comunicação em tempo real e em qualquer lugar do planeta. O que antes era distante e de difícil acesso, agora é de domínio público. É possível acessar

informações, armazenar, compartilhar qualquer informação sem interferências em sistemas abertos ou fechados.

Com toda essa transformação tecnológica e o desenvolvimento da inteligência artificial é inevitáveis as mudanças sociais e conseqüentemente, na cultura e no mundo do trabalho. A atividade produtiva passa a depender de conhecimentos, e traz a concepção de trabalhador como um sujeito capaz de agir e pensar criticamente, ter liderança e trabalhar em equipe, bem como adaptar-se a uma nova realidade. Nesse novo contexto a empregabilidade está relacionada à qualificação pessoal e não somente a uma formação com obtenção de certificados ou diplomas.

1.3 Educação

Segundo a Constituição Federal de 1988 Reza o artigo 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

De acordo com a Lei de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no seu art. 1º, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Para Freire (1996), a Educação e humanização são termos inseparáveis, que tem como objetivo “transformar” seres humanos, valorizando seu potencial e habilidades.

De acordo com a UNESCO, por meio de sua Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, presidida por Jacques Delors (2003), estabelece os quatro pilares de um novo tipo de educação com enfoque em aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser.

Assim, a educação no século XXI deverá considerar o desenvolvimento intelectual, ético e humano, bem como as questões ambientais, diversidade de gênero e a tecnologia. Neste novo contexto, a universidade precisa assumir uma visão mais ampla de educação, a qual irá preparar o estudante para os novos desafios, considerando a formação pessoal e profissional.

Corroboramos o que traz Casali (2019, p.35)

Ora, queremos ser enfáticos em afirmar que na educação regular, diferentemente do sistema produtivo, cada educador singular, em sua sala de

aula (ou mesmo a distância), com seu grupo de alunos, cumpre uma função estratégica insubstituível, irredutível às suas responsabilidades meramente gerenciais e operacionais. Pois o conhecimento é o valor estratégico por excelência.

Nesse sentido, não é possível continuar com uma educação nos moldes de uma sociedade 2.0 ou 3.0, é preciso acompanhar o processo evolutivo, cultural, histórico e econômico da sociedade atual. É preciso preparar os professores para essa realidade e que consequentemente, preparar os alunos que serão os futuros profissionais.

2. FORMAÇÃO DE PROFESSORES, PARADIGMAS E MUDANÇAS

Luckesi (1994, p. 38) considera a educação como redentora da sociedade, “integrando harmonicamente os indivíduos no todo social existente”. De acordo com o conceito, a educação tem o poder de redimir a sociedade, instruir e transformar as gerações.

Diante desta perspectiva transformadora e dos avanços tecnológicos exigirão dos professores mudanças necessárias na concepção de ensino, precisa ver o aluno como aprendiz capaz de pensar, de agir para mudar sua realidade.

Afinal, todo ato de pensar é original e consequentemente favorecerá a descoberta, possibilitando a produtividade intelectual e não somente o armazenamento de informações transmitidas por terceiros. Neste sentido, faz-se necessário condições, que estimulem o pensamento para que o aprendizado se desenvolva (DEWEY, 1959).

Freire (1996) já apontava em seus estudos, que é urgente o professor compreender que o desempenho do ensino está diretamente atrelado ao fato de se considerar o aluno como sujeito central do processo. O saber do professor precisa estar a serviço do aluno e não o contrário.

Demo (2004) corrobora que o ato de aprender pressupõe um processo reconstrutivo que permita o estabelecimento de diferentes tipos de relações entre fatos e objetos, que desencadeie ressignificações e que contribua para a reconstrução e a produção de novos saberes, considerando uma educação transformadora e significativa que rompa com o marco conceitual da pedagogia tradicional. Conhecimento e aprendizagem são fundamentais para o ser humano exercer a sua autonomia e sua cidadania, com argumentações e ética, para mudar a realidade e a sua vida.

Como destaca Jacques Delors (2003), em seu relatório para UNESCO sobre Educação para o século XXI, a educação deve organizar-se em quatro aprendizagens

fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo, para cada indivíduo, os quatro pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a conviver, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas e, finalmente, aprender a ser, via essencial que integra os três precedentes.

Nessa perspectiva apresentada, os desafios dos educadores do século XXI é apreender e utilizar as teorias que estão presentes nas metodologias ativas de aprendizagem, como também, revisitar as práticas pedagógicas que precisam ser inovadoras para atender as escolas neste século. Tal prática exige que o professor seja o mediador de dimensões cognitivas, afetivas e sociais, resultando em elementos significativos, assim, ao transmitir, elaborar e reelaborar os conceitos, o professor consegue fazer a reflexão sobre a sua prática, reformulando a cultura, inserindo os alunos na sociedade, fazendo com que os elementos mediadores permitam significações reais da situação, como afirma Libâneo (1994, p.69) “é uma didática que busca desenvolver o processo educativo como tarefa que se dá no interior dos grupos sociais”.

Desse modo, é fundamental um trabalho de acordo com as necessidades, direitos e condições reais dos alunos, bem como a organização do currículo que será desenvolvido, o planejamento das aulas, e do trabalho reflexivo desenvolvido pelo professor. Tal trabalho deverá envolver a investigação (pesquisa), observação, os registros e o desenvolvimento das técnicas de ensino.

Para Luckesi (1994) a aprendizagem vem do conceito de filosofar, no qual o ser humano tenta compreender o seu mundo, buscando sentido a partir de seus desejos, anseios e aspirações, tentando entender a realidade. Luckesi (1994, p.22) afirma que “ninguém vive o dia-a-dia sem um sentido; para o seu trabalho, para a sua relação com as pessoas, para o amor, para a amizade, para a ciência, para educação, para a política etc.”. Desse modo, entende-se que os seres humanos buscam compreender e aprender para transmitir para as gerações seguintes.

Em concordância com Luckesi (1994), a filosofia se manifesta na vida humana em todos os momentos e todos os processos. Pois o ser humano tem necessidade de se conhecer e desenvolver uma relação social; de aprender a viver com o seu ambiente e assim construir a própria filosofia de vida, agindo, absorvendo experiências e aprendendo.

Os novos paradigmas da educação precisam considerar a condição humana e histórica, para respeitar as diferenças; a identidade terrena e global; trabalhar com as

incertezas de uma “modernidade líquida” a ética e a democracia como eixo da cidadania; a pluralidade cultural.

CONCLUSÕES

Diante dos estudos e reflexões é perceptível que a educação está totalmente interligada com o processo histórico social e cultural. A sociedade passou por revoluções sociais e culturais envolvendo o trabalho e os conhecimentos necessários para atuação no mercado de trabalho. A Primeira Revolução Industrial - Indústria 1.0 teve início no final do século XVIII e na abertura do século XIX, século XX Indústria 4.0 e século XXI Indústria 5.0, em cada período buscou-se atender às necessidades sociais e culturais do período vigente.

A partir do momento que a Educação passa a ser responsabilidade do Estado organizam-se diretrizes educacionais intencionais para atender a demanda de mercado de trabalho. No entanto observa-se que o processo educacional não acompanha com a mesma rapidez, que se propaga a revolução industrial.

Nesse contexto, o professor é um profissional que vive esse processo e que busca acompanhar a evolução social, a cultural e a revolução industrial, e conseqüentemente, refletirá no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, não é possível continuar com uma educação nos moldes de uma sociedade 2.0 ou 3.0, é preciso acompanhar o processo evolutivo, cultural, histórico e econômico da sociedade atual. É preciso preparar os professores para essa realidade e conseqüentemente, preparar os alunos que serão os futuros profissionais do século XXI.

Ainda é preciso ir muito além de formar para o trabalho, mas para uma formação holística, global de consciência humana e terrena, pois as novas gerações enfrentarão crises ambientais, sociais e econômicas e necessitam urgentemente pensar, refletir, discutir e trabalhar coletivamente e colaborativamente. Nesse contexto, a educação e a escola têm um papel *sine qua non*, e o professor é o mediador desse processo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando; TORREZAN Gustavo (Orgs.) Cultura, educação e tecnologias em debate. In: CASALI, Alípio. **Conhecimento, habilidades e currículo em uma sociedade da informação e do conhecimento**. São Paulo: Sesc São Paulo, 2019, p.29-35.

ANTÔNIO, Jose Carlos. **Filosofia da Educação**/Biblioteca Universitária Pearson. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: geral e Brasil. 3. ed., São Paulo, Moderna, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 3 ed. São Paulo: Moderna, 1982.

CHIZZOTI, Antônio; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Editorial. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.20, n.1, p. 1-5, jan./mar. 2022.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 15 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. 2ed. São Paulo:Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

DEMO, Pedro. **Universidade, Aprendizagem e Avaliação**. Porto Alegre, Editora Mediação, 2004.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, Cortez,1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia e educação: Elucidações conceituais e articulações. In **Filosofia Da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARX, Karl. & ENGELS Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2007.

MARX, Karl. Processo de trabalho e processo de valorização. In. ANTUNES, R. (org.) **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão popular, 2004.

MORIN;Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 8ª Edição - UNESCO. Cortez Editora, 2000.

SEVERINO, Antônio José. Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. **São Paulo Perspectiva**. 14 (2), junho 2000. Acesso dia 03 de abril de 2022.

SILVEIRA, Cristiano Bertulucci. **O que é a Indústria 4.0 e como ela vai impactar o mundo**. Citisystems. 2019. Disponível em:< <https://www.citisystems.com.br/industria-4-0/>> Acesso em: 19 maio, 2021.

Recebido em: 10/03/2022

Aprovado em: 15/04/2022

Publicado em: 23/04/2022